

## **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

# **FALTA DE INVESTIMENTO E CONSCIENTIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES E AS LACUNAS NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

*Natália Negretti*

Recentemente, foi divulgado o QS World University Ranking, que posiciona a Universidade de São Paulo (USP) entre as 100 melhores do mundo. Ampliando o recorte para as 500 mais bem avaliadas, o Brasil soma mais três posições. Há anos o país coleciona boas posições, tendo universidades em destaque em diversos outros rankings.

Além disso, o Brasil está entre as nações que representam cerca de 95% de toda a produção científica mundial; ainda que no informe com números de 2022, o país tenha registrado uma queda inédita na publicação de artigos científicos: de acordo com levantamento realizado pela Agência Bori e pela Elsevier, o índice foi de 7,4% em comparação ao ano anterior; o pior entre os 51 países analisados. Em 2023, a queda em relação ao período anterior continuou, registrando 7,2%, segundo o mesmo levantamento.

Diante desses resultados, fica difícil argumentar que o Brasil não produz ciência. Porém, será que o que se é produzido na academia chega na forma de informação aos brasileiros? Foi a partir dessa dúvida que uma tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp propôs desenvolver um processo de monitoramento e avaliação do alcance do trabalho das equipes de comunicação pública de ciência e tecnologia (CPCT) das universidades. Mas, para além do produto final, o processo de investigação trouxe registros importantes para entender melhor o cenário atual da divulgação científica no país: reduzido número de profissionais na equipe de comunicação, limitação de recursos financeiros, indisponibilidade de profissionais para avaliações qualitativas, carência de ferramentas de rastreamento do engajamento e falta de articulação entre diferentes setores da instituição. A pesquisa também achou outros dados alarmantes, como o de que das 51 universidades que participaram do estudo, 41 possuem um único *site* para notícias institucionais e de ciência e tecnologia (C&T) de toda a instituição.

Essa realidade fica clara quando vamos para o “outro lado do balcão”, ou seja, quando olhamos para quem busca informação para difundir: os jornalistas. A falta de estrutura da comunicação institucional das universidades brasileiras inibe a apuração jornalística, seja por a informação não chegar até os profissionais, seja pela dificuldade de conseguir acessar os cientistas para serem fontes. Se por um lado a CPCT tem como premissa informar e tornar o conteúdo produzido na academia proveitoso para a sociedade, visando democratizar o conhecimento científico, por outro, faltam ferramentas para isso.

Enquanto universidades renomadas, principalmente europeias e estadunidenses, investem em comunicação e divulgação científica dentro e fora de seus países, no Brasil, estamos praticamente na contramão. Não são raras as vezes em que nos deparamos com notícias sobre ciência que publicam resultados estrangeiros. Em maio deste ano,

o jornal *Estadão* publicou uma nota anunciando que ampliaria sua cobertura de saúde e bem-estar. Porém, logo no começo do conteúdo lê-se “publicar mais conteúdos de veículos mundialmente reconhecidos”, seguido por uma lista de tais veículos, entre eles *Harvard Health* e *Fortune Health and Wellness*, ambos dos Estados Unidos. Interessante observar o “mais conteúdos”, ou seja, já é uma prática do jornal que irá se intensificar. E claro que a referência à “mundialmente reconhecido” não inclui veículos latino-americanos ou orientais. É informação eurocentrada e estadunidense que importa, não é mesmo?

A queda na publicação de artigos científicos em 2022 é apenas a ponta do iceberg. A baixa também foi observada em países ricos e com instituições de ensino consolidadas, como Inglaterra e França, mas no caso do Brasil, além do impacto da pandemia de covid-19, que refletiu em diversos países, outra hipótese é a falta de investimento que a ciência brasileira passou nos últimos anos. Apenas para se ter uma ideia, o orçamento das universidades federais caiu 14% nos quatro anos de governo Bolsonaro, segundo análise da Unifesp. Se faltam recursos financeiros para a ciência em si, imagina para divulgá-la.

Em um país recém-governado por um presidente que desconhecia totalmente a capacidade científica da nação – ou, pelo menos, se fazia de ignorante sobre –, inclusive afirmando que não havia universidade brasileira entre as melhores do mundo e que apenas três instituições nacionais fazem pesquisa de qualidade (sendo uma particular e duas ligadas às forças armadas), a cultura de se disseminar informação de dentro das universidades ainda precisa ser bastante desenvolvida.

A presença de fontes nacionais em reportagens jornalísticas não é nula, no entanto, competindo com as instituições públicas, há ainda as particulares, como hospitais, que têm investido em equipe de comunicação para divulgar os porta-vozes e estudos internos – um movimento lógico para atrair mais pacientes que, nesse caso, também são clientes.

O cenário pode parecer catastrófico, mas não é para tanto. Da forma que é possível, os agentes envolvidos na divulgação científica buscam soluções. O jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, está em sua nona edição do Programa de Treinamento em Jornalismo de Saúde, iniciativa que treina interessados em cobrir saúde, não necessariamente formados na área, com palestras, entrevistas e oficinas ministradas por especialistas, repórteres e editores. Iniciativas como o Encontro Nacional do Colégio de Gestores de Comunicação das Universidades Federais (Cogecom), da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que reúne profissionais de comunicação de universidades de todo o país a fim de debaterem e buscarem soluções sobre o papel das instituições de ensino na comunicação pública e na cultura científica, também devem ser tomadas como modelo. Na oitava e mais recente edição, realizada em novembro de 2023, um dos principais temas abordados foi justamente os desafios em termos de orçamento e estrutura de equipe, comum à maioria das instituições, ainda que cada uma possua seus diferenciais, como tempo de fundação e localidade.

O problema é complexo e exige um conjunto de ações multidisciplinares. A valorização da ciência brasileira não se dará refutando fontes internacionais, mas valorizando nosso produto nacional. E isso exige, com urgência, investimento em ciência por parte do governo, maior interesse por parte da imprensa e conscientização das instituições da importância de divulgar para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

DARÉ, Eliane Fonseca. Como conectar academia e sociedade? **Jornal da Unicamp**, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/edicao/689/como-conectar-academia-e-sociedade/>. Acesso em: 29 out. 2024.

ESTADÃO amplia sua cobertura de saúde e bem-estar. **O Estado de S. Paulo**, 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/estadao-amplia-sua-cobertura-de-saude-e-bem-estar/>. Acesso em: 28 out. 2024.

EULER, Madson. Publicações científicas no Brasil sofrem queda de quase 8% em 2023. **Agência Brasil**, 30 jul. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/pesquisa-e-inovacao/audio/2024-07/publicacoes-cientificas-no-brasil-sofrem-queda-de-quase-8-em-2023>. Acesso em: 29 out. 2024.

GARCIA, Rafael. Produção científica brasileira caiu 7,4% no ano passado, a maior queda entre 51 países. **Jornal O Globo**, 24 jul. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/07/24/producao-cientifica-brasileira-diminui-pela-primeira-vez.ghtml> Acesso em: 29 out. 2024.

SITE 8º Encontro Nacional Cogecom. Disponível em: <https://sites.google.com/view/cogecom-ufabc-ufscar-2023/in%C3%ADcio?authuser=0>. Acesso em: 28 out. 2024.